FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO – FABAT
SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL

MATHEUS SIMOES DA SILVA

A CRISE DO DISCIPULADO NA IGREJA CONTEMPORÂNEA À LUZ DA GRANDE COMISSÃO

RIO DE JANEIRO
2025

MATHEUS SIMOES DA SILVA

A CRISE DO DISCIPULADO NA IGREJA CONTEMPORÂNEA À LUZ DA GRANDE COMISSÃO

Artigo apresentado ao curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, como requisito necessário à obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Samuel Meira Moutta

RIO DE JANEIRO

2025

A CRISE DO DISCIPULADO NA IGREJA CONTEMPORÂNEA À LUZ DA GRANDE COMISSÃO

Matheus Simões da Silva[1]
Samuel Meira Moutta[2]

RESUMO: Este trabalho analisa a crise do discipulado na igreja cristã contemporânea à luz da Grande Comissão de Mateus 28.18–20, defendendo que o crescimento numérico das igrejas não tem sido acompanhado por uma formação efetiva de discípulos. Fundamentado na teologia bíblica da missão, especialmente a partir dos conceitos de *Missio Dei* e do sacerdócio real do crente, o estudo demonstra que a missão da igreja sempre esteve vinculada à formação de um povo que vive para a glória de Deus e para a transformação do mundo. Por meio de pesquisa qualitativa, bibliográfica e hermenêutica, foram analisadas as contribuições de autores como N. T. Wright, Michael Goheen, Timothy Keller, Graeme Goldsworthy, D. A. Carson, John Stott e David Bosch. O trabalho também apresenta uma análise sociológica do contexto urbano brasileiro, especialmente no Rio de Janeiro, evidenciando o paradoxo entre a expansão evangélica e a permanência de estruturas de violência, corrupção e degradação social. Conclui-se que a fragilidade da transformação social está diretamente relacionada ao esvaziamento do discipulado bíblico, sendo necessária uma retomada urgente do discipulado relacional, intencional e multiplicador como centro da missão da igreja.

Palavras-chave: Grande Comissão. Discipulado. Missão. Igreja. Transformação social.

ABSTRACT: This study analyzes the crisis of discipleship in the contemporary Christian church in light of the Great Commission of Matthew 28:18–20, arguing that the numerical growth of churches has not been accompanied by effective disciple formation. Grounded in the biblical theology of mission, especially through the concepts of *Missio Dei* and the priesthood of all believers, this research demonstrates that the mission of the church has always been connected to the formation of a people who live for the glory of God and the transformation of the world. Through a qualitative, bibliographical, and hermeneutical methodology, the contributions of authors such as N. T. Wright, Michael Goheen, Timothy Keller, Graeme Goldsworthy, D. A. Carson, John Stott, and David Bosch were analyzed. The study also presents a sociological analysis of the Brazilian urban context, particularly in the city of Rio de Janeiro, highlighting the paradox between evangelical expansion and the persistence of violence, corruption, and social degradation. The conclusion affirms that the weakness of social transformation is directly related to the weakening of biblical discipleship, emphasizing the urgent need for a return to relational, intentional, and multiplying discipleship as the central mission of the church.

Keywords: Great Commission. Discipleship. Mission. Church. Social transformation.

---

[1] Matheus Simões da Silva é pastor batista, graduado em Teologia pelo SEBIMI. Atua como Pastor de Famílias e Pequenos Grupos Multiplicadores na Primeira Igreja Batista de Campo Grande/RJ. Serviu na coordenação de plantação e revitalização de igrejas na Junta de Missões Nacionais, onde desenvolveu estratégias, capacitou líderes e prestou consultoria em projetos de plantação e administração eclesiástica. Foi responsável direto pela plantação e revitalização de três igrejas e contribuiu indiretamente para a plantação de dezenas de outras. É casado com Renata Fermino e pai de Ana Elise, Laura e Bella.

[2] Samuel Meira Moutta é graduado em Ciências Contábeis (UCAM, 1999) e em Teologia (STBF, 2005; convalidação FBRJ, 2014), com especialização em Gestão de Recursos Humanos (FIJ, 2008) e mestrado em Teologia pelo Southeastern Baptist Theological Seminary (2015). Atuou por 16 anos como gerente executivo de expansão missionária da Junta de Missões Nacionais da CBB e foi coordenador do Centro de Missiologia e Desenvolvimento Ministerial do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Suas áreas de atuação concentram-se em Teologia Prática, missões e desenvolvimento ministerial.

INTRODUÇÃO

A missão da igreja cristã ocupa lugar central no testemunho das Escrituras e na própria identidade do povo de Deus. Desde o chamado de Abraão, por meio do qual Deus estabelece que, a partir dele, todas as famílias da terra seriam abençoadas (Gn 12.1–3), passando pela vocação de Israel como “reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19.5–6), até o cumprimento pleno dessa missão na pessoa e obra de Jesus Cristo, percebe-se que o propósito divino sempre esteve orientado para a formação de um povo que refletisse o caráter de Deus diante das nações. Esse projeto redentivo atinge seu ápice na ressurreição de Cristo e em seu comissionamento final à igreja, registrado em Mateus 28.16–20, conhecido como a Grande Comissão, no qual o Cristo ressurreto ordena que seus discípulos façam discípulos de todas as nações (Wright, 2012).

Entretanto, ao se observar o cenário contemporâneo da igreja evangélica no Brasil - especialmente em contextos urbanos complexos como a cidade do Rio de Janeiro - constata-se uma tensão cada vez mais evidente entre o expressivo crescimento numérico do cristianismo e a efetiva vivência do discipulado bíblico. Os dados censitários indicam aumento contínuo da população evangélica, multiplicação de templos e intensa movimentação religiosa. Todavia, paralelamente a esse fenômeno, permanecem - e, em alguns casos, se agravam - estruturas de violência, corrupção, desigualdade social, degradação ética e criminalidade organizada. O surgimento de facções criminosas que se autodenominam “evangélicas”, bem como a apropriação de símbolos e linguagem cristã por grupos ligados ao tráfico de drogas e às milícias, evidencia uma profunda dissociação entre profissão religiosa e transformação moral, espiritual e social, levantando um sério questionamento acerca da efetividade do discipulado praticado (Keller, 2014; Goheen, 2014).

Diante dessa realidade, formula-se o problema que fundamenta esta pesquisa: estaria a igreja cristã contemporânea, ao priorizar modelos eclesiásticos centrados em programações, eventos, consumo religioso e crescimento estatístico, falhando no eixo central da missão confiada por Cristo, isto é, a formação intencional de discípulos que vivam sob o seu senhorio em todas as esferas da vida? Conforme afirma Goheen (2014), a igreja não apenas

possui uma missão, mas é, em sua própria essência, um povo enviado. Quando essa consciência é substituída por uma lógica mercadológica da fé, a missão se transforma em produto, e o discípulo em consumidor.

Nesse contexto, justifica-se a relevância deste estudo tanto no campo teológico quanto no pastoral e no sociológico. Do ponto de vista bíblico-teológico, a Grande Comissão ocupa lugar estruturante na identidade e na missão da igreja, não se tratando de um apêndice do evangelho, mas do clímax do movimento da *missio Dei* ao longo da história da redenção (Wright, 2010; Goheen, 2016). Do ponto de vista pastoral e missiológico, especialmente no contexto urbano brasileiro, observa-se uma presença institucional robusta da igreja, mas uma fragilidade evidente na formação de discípulos maduros, capazes de exercer, de modo prático, o sacerdócio real do crente em seu cotidiano. Há ainda uma justificativa acadêmica, visto que a pesquisa dialoga com contribuições relevantes da teologia bíblica, da missiologia e da eclesiologia contemporânea, oferecendo uma análise crítica dos modelos eclesiais vigentes (Goldsworthy, 2016; Keller, 2014; Stott, 2010; Bosch, 2012).

Diante disso, estabelece-se como objetivo geral desta pesquisa analisar, à luz da teologia bíblica e da missão da igreja, se a igreja cristã contemporânea, especialmente no contexto urbano brasileiro, tem cumprido de forma fiel o centro da Grande Comissão de Jesus Cristo - o fazer discípulos - ou se, ao contrário, tem priorizado modelos eclesiásticos voltados ao crescimento numérico, à programação institucional e ao consumo religioso, em detrimento da formação de discípulos comprometidos com o Reino de Deus. Como desdobramento desse propósito, este estudo examina exegeticamente Mateus 28.16–20, investiga o desenvolvimento do conceito bíblico de missão ao longo da história da redenção, analisa o discipulado na teologia contemporânea e avalia criticamente os impactos espirituais e sociais da ausência de uma cultura discipuladora sólida.

Quanto à metodologia, esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de cunho teológico, bíblico e missiológico. Adota-se o método hermenêutico para a interpretação das Escrituras, especialmente do

texto de Mateus 28.16–20, em diálogo com a teologia bíblica e com a missiologia contemporânea. O procedimento metodológico é bibliográfico, fundamentado na análise de obras de referência de autores como Wright, Goheen, Keller, Goldsworthy, Stott e Bosch, além do uso de comentários exegéticos de D. A. Carson e Craig Keener. A análise dos dados ocorre por meio de leitura sistemática, fichamento e categorização temática dos conteúdos, organizados em eixos como missão, discipulado, igreja, sacerdócio real e transformação social.

Assim, este trabalho parte da convicção de que a crise contemporânea da missão da igreja não se encontra primariamente na ausência de templos, cultos ou atividades religiosas, mas na fragilidade da formação de discípulos segundo o padrão de Jesus Cristo. Tal constatação possui profundas implicações para a compreensão da igreja, da missão cristã e da ética do Reino no mundo atual, especialmente em contextos urbanos marcados por intensa religiosidade e, paradoxalmente, por graves mazelas sociais.

1. A MISSÃO DE DEUS E O CHAMADO DO SEU POVO NA HISTÓRIA BÍBLICA

1.1 A missão como iniciativa de Deus (Missio Dei)

A missão não nasce na igreja, nem é fruto primário de estratégias humanas de expansão religiosa. Antes de qualquer ação eclesiástica, a missão é iniciativa do próprio Deus. O conceito de *Missio Dei* afirma que Deus é, em si mesmo, missionário, pois, desde a criação até a consumação, Ele age em direção à redenção da humanidade e de toda a criação (Bosch, 2012).

N. T. Wright enfatiza que a missão não é um tema periférico, mas parte essencial do enredo das Escrituras: Deus chama um povo não apenas para ser salvo, mas para participar ativamente de Sua ação redentora no mundo (Wright, 2012). Assim, a igreja não possui uma “missão própria” autônoma; ela é chamada a participar da missão de Deus.

Michael Goheen reforça que a Bíblia deve ser lida como a história da missão de Deus por meio de um povo escolhido para testemunhar Seu Reino no mundo

(Goheen, 2014). Desde Gênesis, Deus se revela como Aquele que cria, chama, envia e restaura.

Dessa forma, qualquer compreensão da Grande Comissão que esteja desconectada da *Missio Dei* reduz o discipulado a uma atividade eclesiástica institucional ou a um programa de igreja, quando, na realidade, trata-se de um movimento de participação no propósito eterno de Deus. A Grande Comissão, portanto, não inaugura a missão, mas representa o clímax e a explicitação do envio de um povo que já vinha sendo formado por Deus ao longo da história bíblica.

1.2 O chamado de Abraão: abençoados para abençoar as nações

A base missionária das Escrituras torna-se explicitamente visível no chamado de Abraão. Em Gênesis 12, Deus promete abençoar Abrão para que, por meio dele, todas as famílias da terra sejam abençoadas (Gn 12.1–3). A eleição divina, desde o princípio, não tem caráter meramente privilegiado ou exclusivista, mas claramente instrumental e vocacional.

Graeme Goldsworthy ressalta que a eleição de Israel não foi um fim em si mesma, mas o meio pelo qual Deus comunicaria sua salvação ao mundo; a promessa feita a Abraão é a matriz do projeto redentivo que se desdobra em toda a história bíblica (Goldsworthy, 2008).

Nessa perspectiva, quem é alcançado por Deus torna-se imediatamente responsável diante de Deus em relação ao mundo. O povo de Deus existe para o benefício das nações, não para se isolar delas. Negligenciar essa dimensão missional da eleição é reduzir a fé bíblica a um projeto de consumo religioso, centrado em benefícios privados, em vez de participação na vocação pública do povo de Deus.

1.3 Israel: reino de sacerdotes e nação santa

No Sinai, Deus aprofunda e explicita o propósito já anunciado a Abraão ao declarar que Israel seria “reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19.5–6). A

identidade de Israel não se resumia ao culto, mas envolvia representação diante das nações. O sacerdote é aquele que se coloca entre Deus e o povo, exercendo o papel de mediador, intercessor e testemunha.

Ser “reino de sacerdotes” significava que toda a nação, e não apenas uma elite religiosa, deveria refletir o caráter de Deus entre os povos. Israel deveria viver de tal maneira que as nações reconhecessem, por meio de sua vida comunitária, a santidade, a justiça e a graça do Senhor. Goldsworthy mostra que a noção de “povo do Reino” está no centro da teologia bíblica, na qual Deus reina sobre um povo em um lugar, de modo que esse povo manifeste Sua sabedoria e justiça ao mundo (Goldsworthy, 2008).

Entretanto, a narrativa bíblica demonstra que Israel falhou reiteradamente nesse chamado. Em vez de ser um povo que atrai as nações para Deus, frequentemente assimilou os valores idólatras, injustos e violentos das nações ao redor (Wright, 2012). A crise não é apenas moral ou ética; é profundamente missional: o povo que deveria tornar o nome de Deus conhecido entre as nações, muitas vezes o torna motivo de escárnio.

1.4 O fracasso de Israel e a profanação do nome de Deus

O profeta Ezequiel apresenta uma das avaliações mais severas do fracasso espiritual e missionário de Israel. Em Ezequiel 36, Deus declara que Seu nome foi profanado entre as nações por causa do comportamento do Seu próprio povo (Ez 36.20–23).

O problema central não é apenas a desobediência moral individual, mas o impacto missionário negativo. O nome de Deus, que deveria ser santificado e exaltado entre os povos, torna-se motivo de desonra por causa de um testemunho distorcido e incoerente.

Ainda assim, Deus não abandona Seu propósito. Ele anuncia que agirá em favor do Seu próprio nome, purificando o Seu povo, dando-lhe um novo coração e um novo espírito (Ez 36.24–27). Como destaca Wright (2012), Deus comprometeu Sua reputação à sorte de Seu povo, mas também toma para Si a

responsabilidade de intervir e restaurar esse povo para que Seu nome seja novamente santificado entre as nações.

Essa promessa prepara o caminho para a obra definitiva da redenção em Cristo. Ao mesmo tempo, funciona como advertência permanente à igreja: quando o povo de Deus vive de forma incoerente com sua vocação, ele não apenas fracassa internamente, mas compromete o testemunho do Evangelho diante do mundo.

1.5 Jesus Cristo: o cumprimento da missão de Israel

Jesus surge na história como o verdadeiro Israel fiel. Tudo aquilo que Abraão, Israel, os reis e os profetas não conseguiram cumprir plenamente, Cristo realiza de modo perfeito. Ele é o descendente prometido (Gl 3.16), o Filho obediente, o Servo sofredor e o Rei vitorioso.

D. A. Carson destaca que Jesus não apenas anuncia o Reino de Deus; Ele inaugura o Reino em Sua própria pessoa, vida, morte e ressurreição (Carson, 2010). Em Cristo, Deus reina de forma decisiva, confrontando o pecado, derrotando os poderes do mal e abrindo um novo êxodo para o Seu povo.

Jesus representa o Seu povo diante de Deus, reconcilia em Si mesmo Deus e a humanidade, e encarna de forma plena a vocação de Israel como luz para as nações (Is 49.6). Ele reúne, restaura, perdoa, cura e, por fim, comissiona. Seus discípulos são chamados não apenas a aprender doutrinas, mas a seguir Sua vida e reproduzir Seu caráter por meio da habitação do Espírito Santo.

Wright afirma que a missão de Jesus não termina na cruz; ela é confirmada na ressurreição e ampliada no envio da igreja, que passa a carregar a responsabilidade histórica de testemunhar o Reino ao mundo (Wright, 2012). Assim, a Grande Comissão não é um acréscimo tardio à história bíblica, mas o momento em que o Cristo ressurreto delega ao Seu povo a continuidade de Sua própria missão.

1.6 A igreja como continuação da missão de Cristo

A igreja nasce como resultado direto da obra redentora de Cristo e da descida do Espírito Santo (At 2). Ela não surge como uma instituição religiosa meramente voltada a ritos internos, mas como uma comunidade missionária enviada ao mundo.

Goheen descreve a igreja como “sinal, instrumento e antecipação do Reino de Deus” (Goheen, 2014). Como sinal, ela aponta para uma realidade maior do que si mesma; como instrumento, participa ativamente da obra de Deus no mundo; como antecipação, manifesta em sua vida comunitária, ainda que de modo imperfeito, algo da nova criação futura.

Seu papel não é apenas proclamar um evangelho verbal, mas encarnar, na vida comunitária, os valores do Reino: santidade, justiça, misericórdia, reconciliação, serviço e amor sacrificial (Keller, 2014). A comunhão, a partilha, o cuidado mútuo e a prática da justiça fazem parte do testemunho missionário da igreja tanto quanto a proclamação explícita da mensagem.

Entretanto, quando a igreja perde a consciência dessa identidade missionária, ela passa a organizar-se predominantemente em torno de agendas internas, programas, eventos e demandas de consumo religioso. O discipulado, então, é frequentemente substituído por entretenimento espiritual ou por mera transmissão de informação religiosa, sem formação de caráter, sem acompanhamento relacional e sem envio para a missão.

Essa distorção é fundamental para a tese defendida neste trabalho: quando a igreja se afasta de sua vocação como povo enviado, comunidade de discípulos e “reino de sacerdotes” (1Pe 2.9), ela deixa de cumprir o centro da Grande Comissão. Em vez de formar discípulos, corre o risco de produzir frequentadores, consumidores e proselitismos superficiais, que pouco impactam a cultura à sua volta.

Nos capítulos seguintes, a partir dessa base bíblico-teológica, será analisado de que maneira a igreja contemporânea, especialmente em contextos

urbanos como o Rio de Janeiro, tem se afastado desse padrão de discipulado integral, bem como os desafios e caminhos para um resgate da vocação discipuladora e do sacerdócio real de todos os crentes.

2. A GRANDE COMISSÃO E A CENTRALIDADE DO DISCIPULADO NA MISSÃO DA IGREJA

2.1 O CONTEXTO DA Grande Comissão em Mateus 28.16-20

A Grande Comissão, registrada em Mateus 28.16–20, encontra-se no desfecho do Evangelho e ocupa posição teológica estratégica. Trata-se do momento em que o Cristo ressurreto dirige-se aos seus discípulos, reafirmando sua autoridade universal e estabelecendo o imperativo que orientaria a missão da igreja ao longo de toda a história.

Craig Keener destaca que Mateus estrutura seu evangelho de modo a conduzir o leitor progressivamente até esse envio final, de modo que a missão não é um apêndice do livro, mas o seu clímax teológico e narrativo (Keener, 2017). D. A. Carson observa que o contexto pós-ressurreição é determinante, pois a missão nasce não de um Cristo derrotado, mas do Senhor exaltado, que recebeu “toda autoridade no céu e na terra” (Carson, 2010).

Portanto, a Grande Comissão não se fundamenta em iniciativa humana, estratégia institucional ou crescimento organizacional, mas na soberania absoluta de Cristo. A missão da igreja é consequência direta da vitória de Jesus sobre a morte e da inauguração definitiva do Reino de Deus.

2.2 O imperativo central: “fazer discípulos”

O elemento central da Grande Comissão não está nos verbos “ir” “batizar” ou “ensinar” de forma isolada, mas no imperativo principal do texto grego: “fazei discípulos” (*matheteúsate*). Os demais verbos aparecem como particípios que descrevem a maneira pela qual esse imperativo é cumprido.

Carson (2010) afirma que o mandato central da igreja não é apenas converter pessoas, mas formar discípulos comprometidos com a obediência integral a

Cristo. O discipulado, portanto, não é uma etapa posterior à conversão, mas o próprio eixo estruturante da missão cristã.

Nesse sentido, a igreja contemporânea precisa avaliar criticamente suas práticas. O crescimento numérico, quando dissociado do discipulado intencional, pode produzir multidões de frequentadores, mas não necessariamente discípulos de Jesus. O risco é a substituição do mandato bíblico por modelos de consumo religioso, nos quais a fé é reduzida à participação em eventos e programações.

2.3 batizando e ensinando a obedecer: o processo do discipulado

A Grande Comissão apresenta dois movimentos inseparáveis do discipulado cristão: batizar e ensinar a obedecer. O batismo representa a inserção pública do novo convertido na comunidade da fé, enquanto o ensino aponta para um processo contínuo de formação espiritual.

Goldsworthy (2013) ressalta que ensinar não significa apenas transmitir conteúdos doutrinários, mas formar pessoas à luz do governo de Deus revelado em Cristo. Ensinar a obedecer envolve transformação de mentalidade, caráter e prática.

Desse modo, discipular não é apenas informar, mas conduzir o discípulo a uma vida progressivamente conformada ao senhorio de Cristo. Quando esse aspecto é negligenciado, a igreja corre o risco de gerar cristãos nominalmente convertidos, porém desconectados de uma vida de santidade, missão e serviço.

2.4 O discipulado na perspectiva de Jesus

O discipulado, nos Evangelhos, não se resume a aulas formais ou encontros programados. Jesus discipula por meio da convivência, do caminho compartilhado, do confronto, da correção e do exemplo pessoal.

Segundo Stott (2010), seguir a Cristo implica renúncia, obediência e transformação de vida. O discipulado não é uma adesão superficial a valores religiosos, mas um compromisso radical com a pessoa e a obra de Jesus.

Esse discipulado se expressa em três dimensões fundamentais:
a) Negação de si mesmo, como evidenciado no chamado ao arrependimento;
b) Amor sacrificial, como marca distintiva da comunidade cristã;
c) União frutífera com Cristo, na qual o discípulo produz frutos para a glória de Deus.

Assim, formar discípulos é formar pessoas que vivem sob o senhorio de Cristo em todas as áreas da vida, e não apenas na dimensão cultual.

2.5 Dimensão macro e micro do discipulado

Nos Evangelhos, é possível identificar duas dimensões complementares do ministério de Jesus: o macro discipulado e o micro discipulado. No nível macro, Jesus ensina multidões, anuncia o Reino e realiza sinais públicos. No nível micro, Ele investe profundamente na formação de poucos, especialmente dos doze.

Esse modelo é fundamental para a compreensão da missão da igreja. A proclamação pública do evangelho é indispensável, mas não substitui o cuidado relacional, intencional e formativo com poucos.

Segundo Wright (2014), a missão de Deus sempre avançou por meio de comunidades intencionalmente formadas, capazes de viver, ensinar e reproduzir a fé no cotidiano. Onde essa intencionalidade é perdida, a igreja tende a se tornar uma instituição de serviços religiosos, e não uma comunidade discipuladora.

2.6 O sacerdócio real do crente e o discipulado missional

O discipulado bíblico está diretamente ligado ao princípio do sacerdócio real do crente. Em 1 Pedro 2.9, a igreja é chamada de “nação santa, sacerdócio real”, retomando o ideal original de Êxodo 19.

Goheen (2014) afirma que a missão não é responsabilidade exclusiva de líderes, pastores ou missionários profissionais. Todo discípulo é um enviado. A igreja não é apenas um lugar para onde se vem, mas um povo que é continuamente enviado ao mundo.

Quando esse entendimento se perde, estabelece-se uma divisão entre “clero ativo” e “leigos passivos”. Esse modelo contribui diretamente para a crise do discipulado, pois transforma a missão em tarefa de poucos, enquanto a maioria se limita ao consumo de serviços religiosos.

2.7 A ruptura entre crescimento numérico e formação de discípulos

Um dos grandes dilemas da igreja contemporânea consiste na dissociação entre crescimento numérico e maturidade espiritual. Igrejas crescem em número, mas nem sempre avançam em profundidade.

Keller (2014) aponta que uma igreja pode ser numericamente grande e espiritualmente frágil. Quando a missão é reduzida a estratégias de atração, marketing religioso ou entretenimento espiritual, o discipulado tende a ser substituído por experiências superficiais.

Esse fenômeno produz o que se pode chamar de “cristianização sem discipulado”, na qual há linguagem cristã, símbolos cristãos e presença eclesiástica, mas sem clara transformação da vida pessoal, social e ética.

Essa ruptura será analisada de forma mais aprofundada no próximo capítulo, à luz do contexto brasileiro e, especialmente, da realidade urbana do Rio de Janeiro.

3. A RETOMADA DO DISCIPULADO COMO CENTRO DA MISSÃO DA IGREJA

3.1 O discipulado como eixo estrutural da Grande Comissão

A Grande Comissão, registrada em Mateus 28.18–20, estabelece de forma inequívoca que o centro da missão da igreja é o discipulado. O verbo principal do texto não é “ir” “batizar” ou “ensinar”, mas “fazer discípulos” (*matheteúsate*), sendo os demais verbos particípios que descrevem o modo pelo qual esse imperativo é cumprido. Isso demonstra que a missão confiada por Cristo à igreja não se reduz à conversão pontual, à adesão institucional ou à participação em cultos, mas à formação intencional de seguidores que vivam sob o senhorio de Cristo em todas as esferas da vida (Carson, 2012).

Graeme Goldsworthy ressalta que a missão da igreja está diretamente ligada ao desdobramento da história da redenção, na qual Deus forma um povo que viva para a sua glória, sob a sua autoridade e segundo os valores do seu Reino (Goldsworthy, 2016). Nesse sentido, discipular é integrar pessoas nessa história, ensinando-as a interpretar o mundo e a própria existência a partir do Reino de Deus. A falha no discipulado, portanto, não é apenas uma crise metodológica ou de modelo eclesiástico; trata-se de uma ruptura na própria vocação redentiva da igreja no mundo.

Timothy Keller enfatiza que o discipulado bíblico envolve a transformação de cosmovisão, o cultivo de uma vida comunitária profunda e o engajamento missionário no contexto urbano e cultural concreto (Keller, 2014). Quando a igreja perde esse eixo, corre o risco de produzir apenas consumidores religiosos, que participam de atividades, mas não vivem como embaixadores do Reino no mundo. Assim, a Grande Comissão, lida a partir da *Missio Dei*, aponta para um discipulado que é, ao mesmo tempo, teológico, relacional e público.

3.2 O sacerdócio real do crente e a participação de todos na missão

Outro elemento essencial na retomada do discipulado é o resgate da doutrina do sacerdócio real de todos os crentes, conforme 1 Pedro 2.9. A Escritura afirma que todos os que estão em Cristo são feitos “nação santa” e “sacerdócio real”, chamados para “anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”. Isso significa que a missão não é responsabilidade exclusiva de líderes ordenados ou especialistas religiosos, mas de todo o corpo de Cristo, em sua diversidade de dons e vocações.

John Stott alerta que o discipulado bíblico não pode ser terceirizado a uma minoria clerical, pois todo cristão é simultaneamente discípulo e testemunha (Stott, 2010). Onde essa verdade é negligenciada, instala-se uma cultura de passividade e consumo espiritual: poucos fazem, muitos assistem. O resultado é uma igreja numerosa, porém frágil na vivência da fé, dependente de estruturas centralizadas e pouco capaz de sustentar um testemunho coerente no espaço público.

Michael Goheen, ao tratar da igreja como povo missionário, insiste que ela não apenas possui uma missão, mas é, em sua identidade, uma comunidade enviada (Goheen, 2014). Recuperar o discipulado, portanto, implica recuperar também a consciência de que cada cristão é um sacerdote real colocado por Deus em contextos específicos — família, trabalho, vizinhança e cidade — como agente do Reino. Onde essa compreensão se enfraquece, a igreja tende a se fechar em programações internas, perdendo a perspectiva de que existe para o bem e a salvação do mundo.

3.3 O discipulado relacional como caminho da transformação

O ministério de Jesus revela que o discipulado acontece, prioritariamente, em ambiente relacional. Embora Jesus pregasse às multidões (dimensão macro), Ele investiu de forma intensa e constante na vida de poucos (dimensão micro). Marcos 3.14 registra que Ele chamou os doze “para que estivessem com Ele” antes de enviá-los. Essa ordem é teologicamente significativa: antes de fazer, o discípulo é chamado a ser, a viver em comunhão com o Mestre.

Esse padrão é retomado por Paulo em 2 Timóteo 2.2, ao orientar Timóteo a transmitir o ensino a “homens fiéis, que sejam também capazes de ensinar a outros” — um modelo de discipulado relacional e reprodutivo. A multiplicação saudável não ocorre por meio de programas de massa, mas por meio de relacionamentos discipuladores intencionais, nos quais há acompanhamento, correção, encorajamento, prestação de contas e formação de caráter. Tais elementos dificilmente podem ser plenamente desenvolvidos em estruturas meramente eventistas ou programáticas.

Autores como Goheen (2014), Wright (2010) e Bosch (2002) destacam que movimentos missionários marcados por profundidade e perseverança ao longo da história estiveram associados a comunidades que praticavam o discipulado relacional, e não apenas a grandes ajuntamentos ou campanhas pontuais. Onde há discipulado, há permanência; onde há apenas eventos, há rotatividade. Nesse sentido, recuperar o discipulado relacional é resgatar o próprio caminho pelo qual Deus ordinariamente molda o caráter do seu povo.

3.4 O enfraquecimento do discipulado e seus reflexos sociológicos

O enfraquecimento do discipulado na igreja contemporânea não gera apenas consequências espirituais internas, mas produz impactos visíveis na estrutura social. A ausência de uma formação cristã profunda gera um tipo de religiosidade desvinculada de compromisso ético, responsabilidade social e transformação cultural. Em outras palavras, é possível haver intensa atividade religiosa sem verdadeira *metanoia*, sem mudança de mente e de vida (Goheen, 2014).

Keller (2014) demonstra que o verdadeiro evangelho, quando recebido em sua integridade, produz uma fé que atua tanto no coração quanto nas estruturas da sociedade, influenciando o trabalho, a economia, a política, a cultura e a vida urbana. Quando essa fé é reduzida a experiências emocionais, a eventos isolados ou à mera frequência aos cultos, ela deixa de cumprir seu papel público, transformador e profético. O resultado é uma espécie de “cristianismo cultural” que molda linguagem e símbolos, mas não confronta ídolos nem estruturas de pecado.

Goheen (2014) afirma que a igreja, quando perde sua identidade missionária, passa a viver em um “exílio funcional”: existe dentro da cultura, mas sem capacidade real de confrontá-la com os valores do Reino. Em vez de ser “sal da terra” e “luz do mundo”, torna-se irrelevante ou, em alguns casos, cúmplice de sistemas de injustiça. David Bosch (2002) acrescenta que uma eclesiologia sem discipulado tende a se adaptar aos poderes vigentes, em vez de encarnar a alternativa do Reino de Deus.

No contexto urbano brasileiro, especialmente em cidades como o Rio de Janeiro, esse fenômeno torna-se ainda mais evidente. A presença de igrejas em praticamente todas as regiões da cidade contrasta com a permanência de estruturas de violência, tráfico de drogas, milícias, corrupção política e degradação social. O surgimento de grupos criminosos que se apropriam de linguagem, símbolos e discursos evangélicos — chegando a se autodenominar “evangélicos” ou a usar nomes e expressões bíblicas para identificar territórios e facções — revela uma perversão extrema da fé cristã, reduzida a um verniz religioso sem arrependimento, sem discipulado e sem transformação de vida.

Esses fatos reforçam a tese central deste trabalho: em muitos contextos, a igreja moderna tem falhado no centro da Grande Comissão, que é “fazer discípulos”. Onde não há discipulado genuíno, há apenas adesão religiosa, consumo espiritual e produção de proselitismo descompromissado. Nesse cenário, a expansão numérica não é necessariamente sinal de avanço do Reino, podendo coexistir com a manutenção — ou até o agravamento — de injustiças, violências e idolatrias estruturais.

3.5 O discipulado e a transformação da cidade

A retomada do discipulado como centro da missão da igreja não visa apenas o fortalecimento interno da comunidade de fé, mas também a transformação da realidade social. A missão bíblica nunca foi apenas espiritual no sentido reduzido, intimista ou abstrato; ela sempre envolveu justiça, misericórdia, verdade e reconciliação. Quando a igreja forma discípulos maduros, ela naturalmente gera impacto na família, na educação, na cultura, na política e na economia, atuando como sinal e instrumento do Reino de Deus (Wright, 2010).

N. T. Wright demonstra que a missão cristã aponta para a restauração de todas as coisas sob o senhorio de Cristo, antecipando, no presente, sinais do Reino futuro (Wright, 2014). Assim, o discipulado autêntico produz frutos visíveis na sociedade, não como projeto de poder, mas como testemunho encarnado do evangelho. Discípulos que vivem a fé de forma pública e coerente denunciam a injustiça, promovem a paz, defendem a dignidade humana e manifestam o amor de Deus em ações concretas.

Bosch (2002) lembra que a missão da igreja é, inseparavelmente, anúncio e encarnação: proclamar o evangelho e viver segundo ele. Em contextos como o do Rio de Janeiro, onde há alta concentração de igrejas e expressiva presença evangélica, mas também índices elevados de violência e corrupção, a retomada do discipulado bíblico é urgente. Sem discípulos que compreendam seu chamado como sacerdotes reais, agentes do Reino em todas as esferas da vida, a igreja corre o risco de se contentar com estatísticas e eventos, enquanto a cidade permanece cativa a estruturas de morte.

Portanto, a retomada do discipulado como centro da Grande Comissão — em chave bíblica, teológica e sociologicamente consciente — é o caminho para que a igreja deixe de produzir apenas consumidores religiosos e volte a formar discípulos que, cheios do Espírito, participem ativamente da missão de Deus no mundo, para a glória de Cristo e para o bem da cidade.

4. CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, demonstrou-se que a crise vivida pela igreja contemporânea não se caracteriza, prioritariamente, como uma crise de crescimento numérico, mas como uma crise de identidade missional, de discipulado e de vivência do sacerdócio real do crente. A análise bíblica da Grande Comissão, articulada às contribuições de autores como Wright (2010; 2014), Goheen (2014), Goldsworthy (2016), Keller (2014) e Bosch (2002), evidenciou que o centro da missão confiada por Cristo à igreja é a formação de discípulos que vivam sob o seu senhorio em todas as dimensões da vida.

Constatou-se, especialmente no contexto urbano brasileiro, que o crescimento estatístico das igrejas, a multiplicação de templos e a intensificação de programações religiosas nem sempre se traduzem em transformação social, ética e cultural. Tal realidade confirma a tese central deste trabalho: é plenamente possível haver expansão religiosa sem discipulado genuíno, produzindo uma fé fragilizada, privatizada e, em alguns casos, instrumentalizada por estruturas de poder, violência e corrupção.

Diante desse diagnóstico teológico e sociológico, compreende-se que a restauração da missão da igreja depende do resgate prático do sacerdócio real de todos os crentes mediante a implantação de uma cultura consistente de discipulado intencional. Esse resgate não acontece apenas por meio de discursos, mas exige uma reorganização profunda da cultura organizacional das igrejas, especialmente no âmbito da liderança pastoral.

Do ponto de vista prático, esta pesquisa propõe que a aplicação contemporânea da Grande Comissão esteja fundamentada em processos relacionais de formação e mentoria, conforme o princípio apresentado por Paulo

em 2 Timóteo 2.2, segundo o qual a transmissão da fé ocorre por meio de relações discipuladoras reprodutivas. Tal perspectiva demanda que pastores e líderes reorganizem suas agendas e prioridades, deslocando o eixo do ministério de eventos para pessoas, de programações para processos e de estruturas para relacionamentos.

Nesse contexto, propõe-se o método IDE como diretriz pastoral para a formação de uma cultura discipuladora robusta. O método orienta o líder a: I - Identificar corações fiéis, ensináveis e disponíveis para formação; D - Desenvolver esses líderes por meio de transmissão intencional de conhecimento, caráter e prática ministerial; E - Enviar com confiança, delegando responsabilidades e permitindo que novos líderes assumam funções, reproduzindo o que receberam.

Esse processo harmoniza-se com o modelo bíblico de discipulado relacional abordado ao longo deste trabalho e dialoga com propostas de formação ministerial fundamentadas em mentoria e liderança reprodutiva. Assim, cada líder torna-se simultaneamente discípulo e discipulador, contribuindo para o fortalecimento do sacerdócio real do crente e para a maturidade comunitária.

Além disso, a implantação dessa cultura discipuladora pode ser enriquecida por princípios relacionais que envolvem relacionar, agregar, interceder, zelar, ensinar e solicitar contas, não como metodologia isolada, mas como expressão da responsabilidade pastoral de promover a formação integral do discípulo. Dessa forma, o discipulado deixa de ser um programa pontual e passa a constituir o ambiente permanente da vida da igreja.

Conclui-se, portanto, que a igreja somente retomará sua identidade missionária, sua autoridade espiritual e seu impacto social quando voltar ao centro da Grande Comissão: fazer discípulos. Isso implica formar cristãos que entendam seu chamado não como consumidores de atividades religiosas, mas como sacerdotes reais, testemunhas públicas do Reino e agentes da missão de Deus no mundo.

Apenas uma igreja que investe menos em manutenção institucional e mais em pessoas, menos em estruturas e mais em formação espiritual profunda, poderá voltar a ser, de fato, sal da terra e luz do mundo, para a glória de Cristo e para o bem da cidade.

5. REFERÊNCIAS

BOSCH, David J. Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CARSON, D. A. O Comentário de Mateus. In: Comentário Bíblico Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GOLDSWORTHY, Graeme. A Pregação e a Redenção: teologia bíblica em prática. São Paulo: Vida Nova, 2013.

GOLDSWORTHY, Graeme. A Bíblia Toda, o Ano Todo: teologia bíblica para a vida cristã. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GOHEEN, Michael W. A Igreja Missional na Bíblia: descobrindo a missão de Deus para a igreja hoje. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. Drama das Escrituras: encontrando nosso lugar na história de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KELLER, Timothy. Igreja centrada: seu fundamento; seu perfil; seu ministério. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KELLER, Timothy. O Deus Pródigo: encontrando o Deus que nos busca. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

STOTT, John. A Missão Cristã no Mundo Moderno. São Paulo: ABU Editora, 2010.

STOTT, John. O Discípulo Radical. São Paulo: Ultimato, 2012.

WRIGHT, N. T. Surpreendido pela Esperança. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2010.

WRIGHT, N. T. O Novo Testamento e o Povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2012.

WRIGHT, N. T. A Missão do Filho de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2016.